



Pesquisar...

- [Home](#)
- [Institucional](#)
  - [Histórico](#)
  - [Fotos dos Presidentes](#)
  - [Leis e Resoluções](#)
  - [Atribuições do CORECON-ES](#)
  - [Atribuições do COFECON](#)
  - [Presidente](#)
  - [Conselheiros](#)
- [Informações](#)
  - [O Economista](#)
  - [Artigos Recomendados](#)
- [Links](#)
- [Notícias](#)
  - [Convite](#)
- [Eventos](#)
  - [5ª Economia](#)
- [Fale Conosco](#)



AUMENTA O ABISMO ENTRE RICOS E POBRES NO DF

## Guia Empresarial

### [AUMENTA O ABISMO ENTRE RICOS E POBRES NO DF](#)

Qua, 14 de Julho de 2010 08:55



Clique na imagem para fazer o download

## Convênios

- [British and American](#)
- [FUCAPE](#)
- [Global Business School](#)
- [Konvênios](#)
- [Ótica Sonótica](#)
- [Unimed Vitória](#)
- [Valor Educação](#)
- [Vieira e Rosenberg](#)

A despeito das expressivas taxas de crescimento econômico nos últimos anos, do controle da inflação e da melhora do emprego e da renda, os avanços não foram capazes de reduzir substancialmente as endêmicas desigualdades entre pobres e ricos no Brasil. Levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com base em informações de 1995 a 2008 — ou seja, dos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso e de seis anos da administração Lula —, mostra que a diferença de renda entre o topo e a base da pirâmide caiu apenas 0,06 ponto percentual — no Distrito Federal, o fosso que separa os extremos da população aumentou. O Índice Gini do país, que mede a distância social, passou, nesses 13 anos, de 0,60 para 0,54, nível ainda semelhante aos de nações africanas mais atrasadas.



## Pensamento Econômico

### [Economistas em destaque na mídia de hoje](#)

Os estudiosos constataram, porém, que os horizontes são promissores. Mantido o atual ritmo de crescimento da economia — o Brasil terá, em 2010, salto entre 7% e 8%, o maior em 24 anos — e se houver investimentos maciços em educação e qualificação profissional, as perspectivas são de que o país elimine, até 2016, a miséria que ainda é motivo de repúdio. Atualmente, quase 20 milhões de brasileiros estão mergulhados na pobreza absoluta, o que estimula a violência e aumenta os desafios dos próximos governantes. Ou seja, o espaço para errar ficou menor.

Não é preciso ser nenhum expert para perceber que, sozinho, o crescimento econômico no Brasil não faz milagres. Segundo o Ipea, as regiões que mais se desenvolveram foram as que registraram os piores desempenhos nos quesitos distribuição de renda e ascensão social. A explicação: o baixo nível educacional, especialmente nas áreas metropolitanas, com grande concentração de pessoas vivendo com menos de um quarto do salário mínimo por mês, o que é caracterizado como pobreza extrema.

#### Pior imposto

No período pesquisado pelo Ipea, 13,1 milhões de brasileiros saíram de miséria, de zonas de conflito armado, e deixaram de fazer dos lixões seus supermercados e fonte de subsistência. Com isso, a participação dos miseráveis na população do país caiu de 20,9% para 10,5%. Em estados como Alagoas, no entanto, 32,3%, ou quase um terço dos habitantes, não tem nada a comemorar. Nem mesmo os programas sociais direcionados para a região Nordeste, onde 24,9% estão à margem da sociedade, foram suficientes para pôr fim às enormes desigualdades. Na Região Sul, com elevado nível de escolaridade, a pobreza extrema se restringe a 5,5% da população.

Diante desse quadro, o Brasil deveria se mirar em nações como o Japão e a Coreia do Sul, que investiram fortemente na educação e na qualificação para gerar riqueza e desenvolvimento. No Brasil, mesmo com quase 1,5 milhão de desempregados, muitas empresas estão sendo obrigadas a importar mão de obra e tecnologia para crescer, reflexo dos vergonhosos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que deu nota 4,6 para a educação básica em 2009.

“O que determinará a pobreza e a competitividade econômica é a quantidade e a qualidade da educação”, afirma o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Para ele, a estabilidade econômica — a inflação é o pior



## Enquete

**O atual cenário da Grécia pode ser comparado aos mecanismos financeiros que levaram à crise das "subprime" nos Estados Unidos?**

- Sim, pois assim como aconteceu nos EUA, as dívidas gregas também cresceram exponencialmente na última

outro lado, cresceram pouco economicamente, mas registraram ascensão social elevada. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, diminuíram a pobreza extrema em quase 60% em 13 anos. "Nesse locais, há outros aspectos sendo considerados, como a organização da sociedade e a descentralização da economia. As empresas estão espalhadas por várias áreas e são de diversos segmentos", explica o presidente do Ipea.

Copyright © 2010 CORECON - ES ::  
Conselho Regional de Economia 17ª  
Região. Todos os direitos reservados.

O que determinará a pobreza e a competitividade econômica é a quantidade e a qualidade da educação"  
Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas

Um Chile em seis anos

Com a perspectiva de continuado crescimento do Brasil nos próximos anos — os analistas falam em taxas médias anuais de 5% —, tudo indica que 20 milhões de pessoas, hoje na miséria absoluta, migrarão para as classes C e D até 2016. A se confirmar tal previsão, será como criar um país de consumidores do tamanho do Chile.

Na avaliação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os primeiros estados brasileiros a se livrarem de vez da pobreza extrema serão Paraná e Santa Catarina: em 2012. Já o Distrito Federal, com o maior nível de desigualdade de renda do país, será um dos últimos a apagar tal mácula — 2015. Antes disso, em 2013, Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais terão feito história.

"Apenas entre 2003 e 2008, cerca de 19 milhões de pessoas saíram da miséria. Isso representa queda de 43%, e os indicadores continuam melhorando", afirma o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV).

"A variável mais importante nisso tudo é a escolaridade da população, e temos observado o aumento da qualidade da educação", explica. Segundo ele, o país passou a ter mais escolas e, mesmo a passos lentos, a educação tem melhorado.

O presidente do Ipea, Marcio Pochmann, diz que o cronograma traçado para o fim da miséria no Brasil é "apenas uma projeção". A seu ver, é preciso que todas as variáveis que possam influenciar o desempenho dos estados sejam positivas do ponto de vista econômico e social. "Todas as unidades da Federação precisam gerar emprego com proteção social, educar a população e qualificar para o mercado de trabalho, além de desconcentrar renda", afirma.

A tendência é de que São Paulo e Mato Grosso deixem a miséria no passado em 2014. Nos dois anos seguintes, todos os estados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste deverão completar o ciclo.

**Correio Braziliense**